

*Do social ao estético:
notas sobre "Hilda Furacão",
de Roberto Drummond*

Lizandro Carlos Calegari

Universidade Regional Integrada, Frederico Wesphalen, Brasil

Resumo: *Hilda Furacão* (1991), de Roberto Drummond, narra, através de episódios da vida da referida personagem, acontecimentos da história do Brasil na passagem dos anos 1950 e início dos anos 1960, passagem essa que marca uma mudança que vai da suposta idéia de democracia para um momento assinalado pelo autoritarismo da Ditadura Militar. Assim, há, no romance, referências à crise brasileira, à miséria de segmentos populacionais devido ao descaso da elite, à troca de governos mal-sucedidos, a movimentos estudantis e da juventude católica, à participação comunista, à prisão de deputados, a assassinato de trabalhadores e de gente ligada à igreja, à decretação de atos institucionais, ao exílio de pessoas perseguidas. Em termos estéticos, o livro é rico em intertextualidades, explora a metalinguagem e a fragmentação. Com isso, a idéia de revolução está presente não somente no aspecto temático, mas, sobretudo, no estético.

Palavras-chave: Roberto Drummond; Ditadura Militar; Revolução.

Abstract: Roberto Drummond's *Hilda Furacão* (1991) narrates, through the main character's life, some episodes of Brazilian history from the end of the 1950s to the beginning of the 1960s, which was characterized by multiple changes during a period with some idea of democracy to a period marked by the authoritarian Military Dictatorship. In the novel, there are references to the Brazilian crisis, poverty of the people, changes of failed governments, the student's movement and the Catholic youth movement, communist participation in public discourse, the imprisonment of deputies, the murder of workers and people tied to the Church, the promulgation of Institutional Acts, among others. From an aesthetic point of view, there are many intertextualities in the book, along with strategies of metalanguage

and fragmentation. Thus, the idea of revolution is present both in the themes the novel covers and its aesthetic aspects.

Keywords: Roberto Drummond, Military Dictatorship, Revolution.

Lizandro
Carlos
Calegari

102

Roberto Drummond (1933–2002) ganhou grande visibilidade dentro do quadro da ficção brasileira contemporânea em 1975, quando, naquele ano, publica o livro de contos *A Morte de D. J. em Paris*, o que lhe rendeu o Prêmio Jabuti de Literatura. Valendo-se de um estilo de escrita que se afasta da complexidade e que se aproxima do linguajar cotidiano, publica, três anos mais tarde, *O Dia em que Ernest Hemingway Morreu Crucificado* e, em 1980, *Sangue de Coca-Cola*. Com a edição de *Hitler Manda Lembranças*, em 1984, e *Ontem à Noite era Sexta-Feira*, em 1988, o autor dá início a uma nova fase em sua produção literária cuja característica tem sido a construção de enredos mais complicados.

O escritor mineiro, nesse momento, tinha ganhado notoriedade frente à crítica e ao público leitor, mas seu maior sucesso e reconhecimento vêm em 1991 quando lança *Hilda Furacão*¹, que, subseqüentemente, é adaptado na televisão por Glória Perez, numa minissérie bastante aplaudida. Roberto Drummond comenta que o fato de o livro ter se tornado sua obra-prima resultou numa espécie de prisão: “Sou um eterno refém de *Hilda Furacão*”, dizia ele. O romance, aliás, cuja história central focaliza a personagem que dá nome ao texto, não apenas sofreu adaptações para os telespectadores, mas foi também levado ao teatro sob direção de Marcelo Andrade naquele mesmo início de década.

O cenário principal de *Hilda Furacão* é a capital mineira do final dos anos 50 e início dos anos 60. A época responde por muitas particularidades presentes no livro. O período de 1945 a 1970 se caracterizou, no Brasil, por um intenso processo de modernização e pela rápida marcha da população do campo rumo às cidades, determinando o fim da antiga sociedade agrária e o surgimento de uma nova, de características urbano-industriais. Se, na década de 40, cerca de oitenta por cento dos brasileiros vivia no campo, no início da década de 60, mais da metade da população habitava as cidades. Não é por acaso, então, que pequenos aglomerados urbanos vão sofrendo algumas mutações: as cidades, quase sempre provincianas, vão aos poucos se transformando em metrópoles agitadas, repletas de contrastes e com grande densidade populacional.

1 A edição utilizada para este artigo foi DRUMMOND, Roberto. *Hilda Furacão*. 19. ed. São Paulo: Arx, 2003.

Essa urbanização decorrente da industrialização gerou uma série de novos fatores sociais e políticos. Um deles dizia respeito à possibilidade de ascensão social e econômica. Arrivistas, ambiciosos, ou apenas sonhadores, inúmeros homens e mulheres, especialmente jovens, buscavam um lugar ao sol na nova ordem capitalista que se forjava no país. Muitos triunfavam no comércio, na indústria, nos serviços. Outros, entretanto, fracassavam, em geral devido à sua precária formação educacional, vindo, com isso, a constituir núcleos marginalizados. *Hilda Furacão* focaliza essa diversidade e fotografa esses diferentes segmentos populacionais. Tem-se aí, então, uma galeria de personagens inesquecíveis: prostitutas, beatas, comunistas, polícias, jornalistas, generais, políticos, malandros, boêmios e milionários. Eles se entrecruzam ao longo da trama formando um tecido em que as cores do velho e do novo, do arcaico e do moderno, do conservador e do revolucionário, ganham um tom desigual.

Esse choque de valores, aliás, está nitidamente exposto no romance em várias situações. Uma delas diz respeito à inauguração de uma nova matriz na cidade de Santana dos Ferros. Enquanto muitos eram adeptos a uma nova igreja de ousadas linhas modernas, tendo Tia Çãozinha como uma de suas defensoras, outros – aqui Tia Ciana é um exemplo – eram favoráveis à permanência do antigo templo. Outro caso tem a ver com a fundação da Cidade das Camélias. Muitos queriam que as prostitutas deixassem o coração de Belo Horizonte e fossem para a periferia, outros tinham opinião contrária. A própria Hilda, a rigor, encerra esses opostos. Ela é a Garota do Maiô Dourado que, em seguida, escandaliza a sociedade mineira por suas atitudes perturbadoras e seu pensamento revolucionário, mas é alguém que acredita na vidente que, certo dia, revela o seu futuro, falando de seus sofrimentos e de suas conquistas amorosas. Nesses detalhes, o livro elabora ficcionalmente o processo de mudança pelo qual o Brasil atravessou, deixando manifesto, nesse pensamento social preso à tradição, a semente e o húmus que contribuiriam para a implantação e a aceitação do regime militar em 1964.

Politicamente, o país saiu dos currais eleitorais da República Velha para uma relativa democracia de massas (1945–1964), tendo o primeiro governo de Getúlio Vargas (1930–1945) funcionado como o período de passagem de um sistema a outro. Os contingentes populacionais oriundos do campo e a classe média em expansão não tardaram a demonstrar sua independência em relação ao velho coronelismo, que ficou restrito a regiões menos importantes. Assim, enquanto o Brasil urbano se desenvolvia, o grande sertão vivia o seu crepúsculo, condenado ao desaparecimento. O que importa ser anotado, nesse particular, é que a idéia de modernização,

*Do social
ao estético:
notas sobre
“Hilda
Furacão”,
de Roberto
Drummond*

enquanto fenômeno de gradativa projeção e expansão no cenário nacional, implicaria uma tendência à aceitação e à assimilação do diferente. Não é isso, entretanto, o que o romance de Roberto Drummond parece retratar.

Hilda Furacão narra a história de uma jovem da alta sociedade de Minas Gerais, estado mais conservador e católico do Brasil, que, no dia primeiro de abril de 1959, abandona a beira da piscina do Minas Tênis Clube e as missas dançantes para se refugiar entre as prostitutas na Zona Boêmia de Belo Horizonte. Nesse final dos anos 50, nessa capital a cheirar a jasmim e a granadas de gás lacrimogêneo, que a polícia lançava contra os estudantes, surge Hilda Furacão, a musa erótica que inflama a imaginação da cidade e cuja vida irá cruzar-se com os sonhos de três rapazes vindos do interior: um quer ser santo, o outro ator em Hollywood e o terceiro escritor. Esse último é o repórter que será encarregado de descobrir o segredo da protagonista, segredo este que Hilda lhe promete revelar no dia primeiro de abril de 1964, precisamente cinco anos depois de iniciar a vida de prostituta.

Ao que parece, o romance está menos interessado em destacar a contradição dessa natureza provinciana frente à modernização – ou do diferente – do que realçar o significado político deste comportamento. Hilda, educada dentro dos padrões tradicionais da época, escandalizou a sociedade mineira ao romper com a família e com as convenções sociais. Ela desafiou as regras da moral e dos bons costumes num período de repressão em que a sociedade, hipócrita, ditava as normas de conduta. Assim, a aversão pelo novo revela, antes de mais nada, a incapacidade de as pessoas lidarem com o outro, com o estranho, algo que se apresenta como fortemente avesso à prática da democracia. Nesse sentido, a matéria da obra é o massacre, pela autoridade que emana do coletivo, daqueles que desafiam o sistema. É justamente nessa ocasião que se percebe que a coletividade interpreta suas ações como legítimas por manter um vínculo com o poder ditatorial.

O livro de Roberto Drummond, publicado na última década do século XX, recua no tempo para captar a estrondosa agitação que foram os anos 1960. Nessa passagem dos anos 50 para os 60, tem-se uma palavra que se faz presente em textos, manifestos, panfletos e no dia-a-dia da juventude que encabeçou o processo de mudança: revolução. Num primeiro plano, o termo identificava uma revolução de costumes, iniciada por jovens norte-americanos que se rebelavam contra o formalismo e a rigidez de sua sociedade, logo se espalhando por todo o mundo. Tais mudanças baseavam-se, de maneira difusa, nas premissas de um teórico da contracultura, o alemão Herbert Marcuse, e, ao mesmo tempo, em um sentimento de repulsa ao universo familiar tradicional. Em poucos anos, tabus morais ruíram,

valores seculares foram questionados e novos padrões de comportamento se impuseram. O conflito de gerações tornou-se inevitável: pais e filhos não mais se entendiam, e o sonho de muitos jovens era fugir de casa e viver livremente em um mundo de paz, amor, liberação sexual e autonomia existencial.

Nessa ânsia por liberdade, entendida aqui no sentido que o vocábulo revolução expressa, está não somente a figura da majestosa Hilda, que adota um comportamento subversivo e radical, mas também a participação das personagens Malthus, Aramel e Roberto Drummond. Este é o alter-ego biográfico do jornalista Roberto Drummond, jovem comunista e idealista que ama a bela B. É ele ainda o jornalista que relatará ao leitor como estão acontecendo os fatos na Zona Boêmia. Aramel, o belo, é um rapaz que almeja o estrelato em Hollywood por sua aparência de galã. Após um desencontro amoroso humilhante, vai para os Estados Unidos e torna-se gângster. Por fim, Frei Malthus é o pivô do grande romance. Julgado pela comunidade como “o santo”, esta personagem se apaixonará pela Hilda Furacão. Como se observa, os três assumem comportamentos que desafiam à ordem projetada pela tradição ou ditada pelo momento histórico daquela ocasião.

Não é somente o sonho desses três jovens que é esbarrado pelas circunstâncias sociais. O destino de muitas personagens ganha novos rumos. Talvez esse insucesso de muitos seja uma alegoria para se pensar o momento histórico. Durante os anos 1945 e 1964, o país viveu uma experiência de democratização. Com isso, parecia que as classes populares participariam de maneira duradoura nas definições da vida nacional. Além do mais, esperava-se que o estado protegesse as artes e as letras contra a invasão estrangeira, dando cobertura à precariedade de um passado escravocrata e a um presente analfabeto. Entretanto, quando o estado, em 1964, tornou-se o representante das elites, a sua imagem protetora ruiu. Em outros termos, a imagem de uma nação em que diferentes classes se uniam em torno de um projeto de desenvolvimento e modernização começou a se fragmentar². O período imediatamente posterior a 1964 é de perplexidade: a sociedade perdeu seu rumo, a vida de cada um passa a ser controlada e supervisionada, a violência se faz presente na ordem do dia e o autoritarismo ganha contornos nítidos. Enfim, o insucesso e a frustração de muitos estão ligados à perda das referências que o próprio destino histórico deixou de fornecer.

2 Cf. AGUIAR, Flávio. Os mensageiros de Jó (notas sobre a produção literária recente no Brasil). In: _____. **A palavra no purgatório**: literatura e cultura nos anos 70. São Paulo: Boitempo, 1997. p. 183.

Nesse sentido, o contexto social e histórico parece responder às perguntas: quem foi Hilda Furacão e o que ela representou para o Brasil naquele momento? Não só isso: a grande questão que atravessa o romance diz respeito ao porquê de ela ter abandonado a alta sociedade e ter ocupado o quarto 304 do Maravilhoso Hotel, na Rua Guaicurus, como prostituta. Além disso, qual o significado do primeiro de abril, data em que a personagem se muda para a Zona Boêmia, mas também a data em que decide revelar o seu segredo? A tentativa de responder a essas indagações conduz a reflexões decisivas para a compreensão de certos aspectos do romance.

Hilda é a personagem que simboliza a mudança, a revolução, a liberdade de expressão e de comportamento; ela é o sonho de muitos, porque é desejada; é o paraíso, porque é capaz, como nenhuma outra mulher, de causar delírio nos homens e levá-los a loucuras. Esses valores agregados a ela se fazem presentes nas várias conquistas ou acontecimentos que surgem ao longo do romance: a igreja moderna, o voto livre, o polêmico painel com Adão nu na matriz, os bailes, os maiôs, as prostitutas, a Bossa Nova, o carnaval. A propósito, nesse festejo popular, caracterizado pela abolição das hierarquias, estão presentes figuras de várias épocas: Fidel Castro, Jane Mansfield, Nero, Napoleão Bonaparte, o Czar da Rússia, Maria Antonieta, Marilyn Monroe e Cleópatra, só para citar algumas. Como quer que seja, Hilda é alguém que representa transformações e promessas de um futuro melhor, já que, como não se pode deixar de lembrar, o Brasil, entre 1937 e 1945, havia passado por uma experiência associada ao autoritarismo do Estado Novo, durante o governo de Getúlio Vargas. A Garota do Maiô Dourado torna-se Hilda Furacão em 1959, atitude esta que expressa uma forma de coroar a experiência democrática que o país atravessa.

O período compreendido entre os anos 1945 e 1964, entretanto, não foi tão tranquilo e pacífico quanto parece à primeira vista. O romance de Roberto Drummond amarra duas pontas do passado: uma ligada à Era Vargas e outra vinculada à Ditadura Militar pós-64. O Estado Novo anunciado por Vargas aconteceu sob a alegação de ameaça de eclosão de um plano comunista – Plano Cohen – para a tomada de poder. Receoso de a centralização política não ganhar fôlego, Vargas reforçou sua propaganda anticomunista, censurou os meios de comunicação, reprimiu a atividade política, perseguiu e prendeu inimigos políticos. Como se observa, o comunismo é visto com desprezo pela sociedade. Não é por acaso que, no começo do romance, o narrador inicia seu relato fazendo referência à sua prisão, à sua adesão comunista e também à sua marcação no Dops (Departamento de Ordem Política e Social), órgão do governo criado com o objetivo de controlar e reprimir movimentos políticos e sociais contrários ao regime

no poder.

O período que sucedeu ao Estado Novo, os anos 50 e início dos anos 60, espaço de tempo este que o romance cobre, foi assinalado por governos deficientes. No período que vai de 1945 a 1964, houve indefinição de rumos. O ex-governador de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek, foi eleito presidente e presidiu de 1956 a 1961. Seu governo foi relativamente bem sucedido: ofereceu garantias e facilidades às empresas estrangeiras que instalassem fábricas de automóveis, caminhões, tratores; construiu hidrelétricas; abriu rodovias, que uniram regiões até então isoladas entre si; expandiu as indústrias de aço e da construção naval. Entretanto, para atingir tais metas, o fez com efeitos colaterais. Os maiores deles foram a inflação e o endividamento do estado, causados pelos grandes investimentos efetuados, algo que levou a subida de preços, dificultando a vida de muitos brasileiros.

Em 31 de janeiro de 1961, Juscelino entregou a faixa presidencial a Jânio Quadros, que passou a praticar política ambígua: independente no plano externo e subserviente aos conservadores no plano interno. Era um político que não respeitava partidos e que pretendia governar sem o apoio da maioria parlamentar. A maneira autoritária desenvolvida por ele colocou-o em conflito com o poder legislativo. Marcou ainda o seu estilo de governo uma série de medidas que, postas em prática, pretendiam sanear a administração pública e impedir atos considerados atentatórios aos bons costumes. Frente a acusações de que pretendia aumentar os poderes constitucionais atribuídos ao poder executivo, Jânio renunciou em agosto do mesmo ano. Sofrendo forte oposição no congresso, frustrou as esperanças moralizadoras de 6 milhões de eleitores, o maior número de votos conseguidos por um candidato à presidência até então.

A renúncia de Jânio Quadros traumatizou o país, e significativa parcela da opinião pública receava que, com a posse do vice-presidente João Goulart (o Jango), o país retornasse ao populismo de Vargas. Os militares entenderam que ele seria prejudicial à segurança nacional por supostas ligações com os comunistas, e julgaram inconveniente a sua posse. Nas principais cidades, as passeatas e demais manifestações cresceram e o clima de agitação política tomou conta do país. Ainda que no Rio Grande do Sul, governado pelo gaúcho Leonel Brizola, e em outros estados ocorressem manifestações favoráveis ao retorno de Goulart à presidência, em setembro de 1961, o congresso nacional aprovou o Ato Adicional à Constituição de 1946, que permitiu a implantação do parlamentarismo e a posse de Jango.

Na prática, o parlamentarismo não foi bem-sucedido. Sua criação ob-

*Do social
ao estético:
notas sobre
“Hilda
Furacão”,
de Roberto
Drummond*

107

jetivou restringir os poderes do presidente, mas o despreparo do congresso nacional inviabilizou não só a prática do parlamentarismo, como também o exercício do governo. Em plebiscito realizado em janeiro de 1963, o resultado indicou que a maioria do eleitorado desejava o retorno ao presidencialismo. Além disso, no poder, Jango mostrou-se cooperativo em face do Partido Comunista, que não tinha existência legal. Durante seu governo, a inflação descontrolada, a política de reformas contrariando a Constituição de 1946, a cooperação aos interesses dos comunistas, a infiltração destes em diferentes setores da igreja católica, das forças armadas e do meio estudantil, e as greves políticas fomentadas provocaram, em significativa parcela da opinião pública brasileira, um clima que ensejou graves e crescentes descontentamentos com o governo de João Goulart, que desaguarão na Revolução de março de 1964.

Nessa situação, as organizações populares entram em cena. Estudantes, camponeses, operários e outros se mobilizam por reformas. Os universitários passaram a atuar dentro e fora das escolas, através de suas organizações: Centros Acadêmicos, Uniões Estaduais, União Nacional dos Estudantes (UNE). Nas escolas, procuravam criar um ensino mais próximo do povo; nas ruas, participavam da luta geral pela superação de uma ordem injusta. Jovens católicos também se organizavam para melhorar a situação precária do povo. Difundiram-se organizações como a JEC (Juventude Estudantil Católica), JUC (Juventude Universitária Católica), JOC (Juventude Operária Católica), JAC (Juventude Agrária Católica) e outras. Os comunistas, igualmente, desenvolviam intenso trabalho de organização e mobilização popular, apesar de ter seu partido na ilegalidade.

Em 30 de março, tropas mineiras começaram a deslocar-se rumo ao Rio de Janeiro. Na noite de 31, o governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto, lançou manifesto rompendo com Jango e acusando-o de fomentar a indisciplina nas Forças Armadas, de tentar realizar reformas sacrificando a normalidade constitucional e de acolher planos subversivos que pretendiam tyrannizar o povo. Frente ao caos e com argumento de salvar o Brasil do comunismo, instala-se o regime ditatorial, autoritário, repressivo e militar em primeiro de abril de 1964. A partir desse momento, os militares passam a controlar a vida política brasileira, valendo-se da cassação, da censura e da morte de todos aqueles que eram considerados subversivos. Por mais de duas décadas, o país viveu no escuro³.

O romance de Roberto Drummond capta esse momento da história do

3 Esses dados foram colhidos de DREIFUSS, René Armand; FARIAS, Ayeska Branca de Oliveira (Trad. [et al.]). **1964 – a conquista do estado**: ação política, poder e golpe de classe. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

Brasil. Há, em *Hilda Furacão*, referências aos vários episódios citados: a crise brasileira, a miséria de segmentos populacionais devido ao descaso da elite, a troca de governos mal-sucedidos, movimentos estudantis e da juventude católica, participação comunista, prisão de deputados, assassinato de trabalhadores e de gente ligada à igreja, decretação de atos institucionais, o exílio de pessoas perseguidas. Enfim, depois de um período em que reinou uma suposta democracia, tem-se o retorno de um regime autoritário, em que a felicidade de muitos ficou condenada. A personagem Hilda representa todos os sonhos e esperanças de uma época que estava por se extinguir. Como diz o próprio narrador em certa altura do livro: “todos sabiam que estavam se despedindo de um tempo inocente simbolizado por uma Garota do Maiô Dourado, transformada em sonho erótico que fazia a alegria dos homens”, já que o Brasil “ia mesmo cair no abismo”.

O primeiro de abril, então, tem um significado bastante particular tanto em termos históricos quanto na interpretação do texto em questão. Historicamente, é a data em que se inicia a Ditadura Militar e, popularmente, é o dia da mentira. O romance estabelece uma ligação entre esses dois sentidos da data. Na madrugada de primeiro de abril de 1964, conforme prometera Hilda, ela daria adeus à Zona Boêmia e se despediria da vida de prostituta para viver ao lado de Frei Malthus, que finalmente se decide por largar a batina. Eles combinam de se encontrar às 5 horas da tarde do dia primeiro de abril na sede do Minas Tênis Clube, na Rua da Bahia. Às 4h15min do dia primeiro, o padre deixa o Convento dos Dominicanos e vai ao encontro de Hilda. Este encontro, no entanto, não acontece. No caminho, Malthus foi abordado por oficiais armados do exército que decretam a sua prisão por seu suposto envolvimento com os comunistas.

Alguns dias depois, foram editados os primeiros atos institucionais com cassação e suspensão de direitos políticos. Frei Malthus foi atingido com tais medidas, e Hilda Furacão fica sem saber o que aconteceu com ele. Ela acaba fugindo para a fazenda em Mato Grosso e, em seguida, se refugia em Buenos Aires. Hilda e Malthus acabam não concretizando seu sonho, e a felicidade dos dois não se torna possível. Enfim, as alegrias, os sonhos, as fantasias, os ideais de realização, o desejo de viver em liberdade, a esperança de dias melhores, tudo isso está fadado à mentira. Pensar essas conquistas é fazer projeções utópicas, já que, num país como o Brasil, em que a violência e o autoritarismo se fazem presentes no dia-a-dia de cada um, o que existe é uma falsa aparência de bem-estar. Não é por acaso, então, que, ao final do romance, a própria Hilda sugere ao narrador que, ao narrar a sua história aos leitores, ele diga que ela nunca existiu e que foi apenas um primeiro de abril.

*Do social
ao estético:
notas sobre
“Hilda
Furacão”,
de Roberto
Drummond*

Hilda Furacão é rico e sugestivo não apenas no que diz respeito aos acontecimentos de um período importante da história do Brasil. Os recursos estéticos de que o autor/narrador abre mão dão particular sentido à compreensão do texto. Como é comum em boa parte da produção contemporânea brasileira, este livro de Roberto Drummond faz uso de uma linguagem e de um estilo de escrita bastante acessível ao público leitor. A narrativa se desenvolve de maneira deliciosa, com um talento narrativo e uma qualidade literária singulares num romance verdadeiramente popular. Os capítulos se sucedem ao modelo dos folhetins, criando um suspense que se busca desvendar com a leitura do próximo, e assim sucessivamente. A história é narrada em primeira pessoa e, o que é muito interessante, é a constante tentativa de diálogo que esse narrador procura estabelecer com o leitor.

Ao longo de toda a trama, observa-se que o narrador tece comentários sobre o seu processo de escrita, chama a atenção para detalhes que porventura podem passar despercebidos, “corrige” o foco de andamento de sua narração e constantemente lembra o leitor da proposta principal de seu texto: o que teria feito a Garota do Maiô Dourado, que enfeitiçava os homens na beira da piscina do clube mais tradicional, desprezar milionárias propostas de casamento e ocupar o quarto 304 no Maravilhoso Hotel como prostituta? Essas inserções do narrador parecem romper com a verossimilhança do relato que, recheado com episódios factuais, estabelece um estreito vínculo com a história. Essa mistura entre ficção e realidade dosada com a abertura dada ao leitor para refletir junto com o narrador têm o mérito de exigir de quem lê uma postura reflexiva ativa. Provavelmente o que Roberto Drummond não espera é um leitor passivo frente ao seu relato e à história social, mas alguém capaz de emitir juízos e fazer julgamentos críticos.

Considerando esse princípio e acreditando nesse objetivo, o texto adota uma série de recursos profundamente sugestivos para sua interpretação. Além de ganhar destaque esse exercício de metalinguagem, evidencia-se, em *Hilda Furacão*, o ludismo na criação literária. O livro é dividido em seis grandes capítulos, dentro dos quais se encontram subcapítulos que, em alguns casos, não se iniciam pela indicação do número 1, mas a partir do zero. No subcapítulo 11 intitulado “O jogo dos sete erros” da primeira parte, o narrador enumera várias hipóteses que teriam contribuído para que Hilda se refugiasse na Zona Boêmia; além disso, opta por deixar um espaço em branco na página no texto para que o próprio leitor preencha com outras “pistas” ou “suspeitas”, como ele mesmo diz. No contexto do romance em apreciação, essa técnica não somente coincide com a tentativa de fazer

o leitor refletir sobre o que está ingerindo, mas pode-se pensar esse procedimento como um exemplo que se filia à liberdade plena da experiência, algo que, para alguns, consiste numa metáfora da liberação social.

Outro recurso amplamente utilizado no romance é uma tendência à utilização deliberada da intertextualidade. Assim, o livro estabelece inúmeras ligações com a história, em que várias personagens de diferentes épocas entram em cena. Afora isso, *Hilda Furacão* dialoga com outros textos. Em princípio, surgem referências a *Os Três Mosqueteiros* e à *Cinderela* (também conhecido como *A Gata Borralheira*). *Os Três Mosqueteiros*, de Alexandre Dumas, romanceia fatos importantes dos reinados de Luís XIII e Luís XIV e da Regência que se instaurou na França entre os dois governos. Esse livro conta a história de um jovem oriundo da Gasconha, D'Artagnan, que vai a Paris na esperança de se tornar membro do corpo de elite dos guardas do rei, os mosqueteiros. Chegando lá, após acontecimentos singulares, conhece três mosqueteiros chamados “os inseparáveis”: Athos, Porthos e Aramis. Juntos, os quatro enfrentarão grandes aventuras a serviço do rei da França, Luís XIII e principalmente da rainha Ana d'Áustria.

Athos, Porthos e Aramis são personagens que apresentam certas semelhanças com Roberto Drummond, Frei Malthus e Aramel, respectivamente. Athos é o cavaleiro por excelência, bastante ético, mas com um segredo negro no passado. Aramis é o intelectual. Está sempre escrevendo poemas e teses e pretende virar padre. No entanto, como sente atração por mulheres, seus compromissos com a igreja sempre acabam ficando em segundo plano. Porthos é um fanfarrão; gasta o dinheiro que não tem com comidas e roupas finas, sendo obrigado a extorquir suas amantes para sustentar seu estilo de vida.

A diferença entre o destino das personagens de *Os Três Mosqueteiros* e *Hilda Furacão* tem a ver com o desenrolar dos fatos históricos. No primeiro caso, os quatro amigos vencem todos os perigos que os esperavam, distinguindo-se nas guerras contra os inimigos da França, e salvando a rainha Ana d'Áustria. Por fim, despedem-se, ficando apenas d'Artagnan ao serviço da rainha, nos mosqueteiros reais. No segundo, Roberto Drummond, Malthus e Aramel acabam se separando em função dos perigos e das incertezas de um momento avassalador da história do Brasil. Ainda nesse particular, não há qualquer final feliz junto com Hilda. Esse final infeliz, a rigor, teria mais aproximações se se pensar na *Cinderela*, mas às avessas.

Cinderela é um dos contos de fadas mais populares da humanidade. Sua origem tem diferentes versões. A mais conhecida é a do escritor francês Charles Perrault, de 1697, baseada num conto italiano popular chamado *A Gata Borralheira*. Em *Hilda Furacão*, o mito da *Cinderela* é passado ao leitor

*Do social
ao estético:
notas sobre
“Hilda
Furacão”,
de Roberto
Drummond*

quando do acidente, na noite do exorcismo, que deixa o sapato da protagonista sob a posse do Frei que tentará fugir do pecado martirizando-se e comendo o seu favorito doce de jabuticaba. Se, em *Cinderela*, o final é feliz, mais uma vez, no romance de Roberto Drummond, o desfecho é trágico. Os dois apaixonados nunca realizam seus desejos. Sem dúvida, são sonhos que, assim como os de muitos outros, se esvaem num primeiro de abril.

Há, ainda, no romance brasileiro em questão, referências a outras obras e autores, cujas relações com *Hilda Furacão*, não são casuais. São feitas menções a dois livros de Jorge Amado: *O Cavaleiro da Esperança* e *Os Subterrâneos da Liberdade*. O primeiro, publicado em 1942, é a biografia poética do líder revolucionário Luiz Carlos Prestes, chefe da famosa Coluna Prestes, movimento político-militar existente entre 1925 e 1927, ligado ao Tenentismo. O segundo, lançado em 1954, compõe uma trilogia (composta pelos textos *Os Ásperos Tempos*, *Agonia da Noite* e *A Luz no Túnel*) que descreve a implantação do Estado Novo e as primeiras reações ao governo ditatorial de Getúlio Vargas. Este livro retrata as ações criminosas do regime e a resistência inspirada pelo Partido Comunista Brasileiro. A narrativa aborda a situação política no Brasil, mas também o panorama internacional, com a Segunda Guerra Mundial e os interesses imperialistas.

Afora a alusão a romances brasileiros com temáticas bastante sugestivas para a leitura de *Hilda Furacão*, há destaque para outras obras estrangeiras como *Crime e Castigo*, de Fiódor Dostoiévski, *Judeus sem Dinheiro*, de Michael Gold, e *Ratos e Homens*, de John Steinbeck. *Crime e Castigo* (1866) narra a história de Rodion Românovitch Raskólnikov, um jovem estudante que comete um assassinato e se vê perseguido por sua incapacidade de continuar sua vida após o delito. O livro se baseia numa visão sobre religião e existencialismo, com um foco predominante no tema de atingir a salvação pelo sofrimento, sem deixar de comentar algumas questões sobre socialismo e niilismo. *Judeus sem Dinheiro* (1930) é um clássico do romance proletário dos anos 1920 nos Estados Unidos. Nessa obra, o autor, membro do Partido Comunista, conta a vida dos judeus pobres do East Side novaiorquino, com destaque para a família do operário Herman. *Ratos e Homens* (1937) conta a história de dois jovens estadunidenses, George e Lennie, que vivem de trabalhos episódicos e sonham com uma vida tranqüila, com a hipótese de arranjar uma chácara em que possam dedicar-se à criação de coelhos. George é quem lidera, é aquele que toma as decisões e protege o seu amigo, sem no entanto deixar de depender da amizade e da força de Lennie. No decorrer da narrativa, notam-se as frágeis relações humanas, com personagens carentes de diálogo. A relação desses três livros com **Hilda Furacão** é que eles expressam sentimentos como sofrimento, medo,

angústia, solidão, agonia, falta de perspectiva em relação ao futuro, ânsia por uma vida melhor.

Há também uma referência bastante interessante à telenovela *O Sheik de Agadir*, de Glória Magadin, exibida na Rede Globo entre julho de 1966 e fevereiro de 1967. Essa telenovela, baseada no romance *Taras Bulba* (1840), de Nicolai Gogol, radicava em torno de um conturbado triângulo amoroso entre o sheik árabe Omar Ben Nazir, a jovem Jeanette Legrand e Maurice Dumont, um oficial do exército francês. Em meio a tal envolvimento, estranhos assassinatos vão acontecendo, algo que levou essa telenovela a ser considerada o primeiro *serial killer* da televisão brasileira. A telenovela conta com episódios como a ocupação da França pelos nazistas durante a guerra, assassinatos cometidos por agentes da Gestapo e relações amorosas. Como se observa, existem pontos de contato entre *Hilda Furacão* e *O Sheik de Agadir*, como certo clima de guerra, violência, assassinatos misteriosos e paixões conturbadas. Além disso, se existe no romance brasileiro um mistério a ser resolvido envolvendo Hilda, há na telenovela um enigma a ser desvendado: quem seria “o rato” que estaria matando cruelmente várias personagens?

Em *Hilda Furacão*, as referências a outras obras não param por aí. As várias personagens literárias e históricas vão recheando a fábula e, investigadas a fundo, enriquecem a compreensão do livro. Além dos exemplos já mencionados, há outros envolvendo nomes como, por exemplo, Sherlock Holmes, Hercule Poirot, Pablo Neruda, Nazim Hikmet, Langston Hughes, Paul Éluard, Nicolas Guillén, Ernest Hemingway, William Faulkner e Che Guevara. Entre ficção e história, o romance de Roberto Drummond instiga a curiosidade do leitor, fazendo com que ele vá em busca de novos sentidos para o material que tem em mãos. Agora, deixa-se que esse leitor saia à procura dessas outras referências e construa uma interpretação mais elaborada da que a proposta aqui.

Além dos recursos já mencionados, *Hilda Furacão*, segundo alguns críticos, é fragmentado, já que se percebem nele constantes mudanças de enfoques, existindo inclusive a necessidade de o narrador/autor tecer comentários sobre esses desvios. Se for válida a afirmação de que a obra em questão é fragmentada, é adequado estabelecer uma relação entre tal característica e a realidade brasileira no período de tempo a que o livro se refere. Em outros termos, a fragmentação, enquanto estratégia de composição, articula-se com uma busca de uma possível representação da história do Brasil.

Nesse sentido, a catástrofe que caracterizou o Brasil nos anos 1940, 1950 e 1960 é tomada não somente como elemento de problematização

*Do social
ao estético:
notas sobre
“Hilda
Furacão”,
de Roberto
Drummond*

das relações humanas, mas como problema estético. Como consequência do impacto do regime autoritário na constituição social, as formas como se procurou apropriar de tal experiência – percepção, consciência, memória – são violentamente abaladas. A formação social, sendo resultado de um processo de construção forjado e sustentado como uma série de ações destrutivas – massacres, torturas, mutilações, violência sistemática, coerções e ameaças –, manteria ligações tanto com a consolidação de princípios de vida política como com a articulação de formas específicas de representação estética. Assim, a fragmentação formal, a pluralidade de temas, formulações de caráter político e imagens do ambiente urbano dão complexidade à obra em questão⁴.

Publicado em 1991, mas cobrindo um período dramático na história brasileira que se estendeu de 1950 a 1960, aproximadamente, o escritor/narrador de *Hilda Furacão* sopra o vento da denúncia, fazendo com que o leitor seja arrastado para o passado e, junto com ele, vivencie as arbitrariedades geradas pelo estado. Com isso, o livro constitui-se numa espécie de testemunho da truculência, da violência e do atraso político-social por que tem passado o país. Para expressar essa idéia de desarmonia, nada é gratuito no romance.

A obra, portanto, exige do leitor a ligação de diferentes episódios nela existentes. O relato é desconexo e, nessa desconexão, paradoxalmente, está a tentativa de compreender, analisar, reconstruir e apresentar a própria fragmentação do universo cindido. Com isso, o esforço do leitor para acompanhar e compreender o texto torna-se uma quase imposição e, ao mesmo tempo, uma possibilidade lúdica da elaboração do livro em questão. Tal efeito torna-se produto de significados na medida em que fornece a reflexão – comprometendo o leitor com o conteúdo apresentado na narrativa – e a participação reorganizadora do texto. Não só isso, essa perspectiva de leitura ou de reescrita se dá em camadas e, ao invés da linearidade limpa do percurso ascendente da história, tal como era descrita na historiografia tradicional, encontra-se um palimpsesto aberto a infinitas re-leituras e re-escritas.

Pelo que foi exposto, *Hilda Furacão* é um romance cativante que une fatos e pessoas reais a uma fértil imaginação. Não se aconselha, portanto, a leitura deste livro dispensando os dados históricos. Estes, a rigor, vêm à tona na leitura do texto, mas o sentido dos fatos ganha novas dimensões porque o autor soube, com maestria, articulá-los com elementos estéticos

4 Ver SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, memória, literatura**: o testemunho na Era das Catástrofes. Campinas: Unicamp, 2003.

inovadores para a época e para a literatura no Brasil, ou seja, esta é mais uma das obras de Roberto Drummond que faz um arrastão na literatura e inova ao trazer qualidade para contar um fato que marcou a geração dos anos 60, que não foram tão dourados como muitos afirmam. Assim, embora o cenário se centre na cidade de Belo Horizonte, o que se tem, na verdade, é um microcosmo que remete a um macrocosmo político e social, ganhando destaque o regime militar brasileiro. Sem dúvidas, esta é uma obra que agarra e enche completamente o leitor.

Recebido em 4 de agosto de 2009/ Aprovado em 10 de dezembro de 2009

*Do social
ao estético:
notas sobre
“Hilda
Furacão”,
de Roberto
Drummond*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

115

AGUIAR, Flávio. Os mensageiros de Jó (notas sobre a produção literária recente no Brasil). In: _____. **A palavra no purgatório: literatura e cultura nos anos 70**. São Paulo: Boitempo, 1997.

DREIFUSS, René Armand; FARIAS, Ayeska Branca de Oliveira (Trad. [et al.]). **1964 – a conquista do estado: ação política, poder e golpe de classe**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

DRUMMOND, Roberto. **Hilda Furacão**. 19. ed. São Paulo: Arx, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: Unicamp, 2003.